

Escuro.

Ele – O que acontece entre duas pessoas é algo indescritível. Dificilmente se consegue explicar. A menor coisa já se escapa. Eu tenho ela. Eu cuido dela. Protejo desse mundo escuro e sem sentido. A gente inventa sentido. Eu deixo que ela faça como quiser. E ela me tem. É simples. O mundo gira e é como se nós fôssemos no núcleo. No centro de tudo. Porque nada se move do lado de dentro. É como é. A única coisa que passa é o tempo. Eu a amo. Nunca disse. Não precisa. Ela também nunca me disse. Não precisa. Eu volto sempre. Eu cuido. Eu quero. Eu preciso.

Uma televisão é ligada em uma parte alta. Não está de frente. Na tela da tv uma paisagem amarelada. Sons de vento encanado. Penumbra.

Ela – Quando descobrimos era tarde demais. Mesmo assim, milhões de pessoas se juntaram em torno da capital. Planaltina, Padre Bernardo, Águas Lindas, Santo Antônio, Novo Gama, Valparaíso, Cidade Ocidental e Formosa. Todas ocupadas. A *Marcha dos Brasileiros*. Contra a venda do país! Partes quilométricas do Mato Grosso e de Goiás já eram enormes buracos. Crateras maiores que cidades foram criadas em busca de minério. E petróleo. Não houve consulta pública. Referendo. Venderam o país pros chineses e sheiks do antigo Oriente Médio, pros americanos... Todos que tinham dinheiro suficiente pra comprar um pedaço nosso. Do Mato Grosso do Sul ao norte do Pará. Fatiados. A maior manifestação popular do mundo. Da história. Cercamos Brasília. As forças armadas foram chamadas.

A luz pisca intermitente.

Ela - Invadimos a capital. Um mar de gente desceu pelo Eixo Monumental, a este ponto grande parte do exército, aeronáutica e as polícias civil, federal e militar já tinha se juntado à massa; assim como jornalistas, cinegrafistas. Pararam de trabalhar para protestar ou fugir. As pontes foram tomadas. Todos em direção à Praça dos Três Poderes. Moradores também se misturavam ou gritavam das janelas ou se escondiam. Quando chegamos a frente do congresso nacional tudo estava vazio abandonado. Como o país.

A luz pisca intermitente. Até ligar de vez.

Ela – Ligou! Você demorou hoje.

Ele – Desculpe. Porque ficou no escuro?

Ela – O que trouxe?

Ele – Frutas e carne enlatada.

Ela – Ah.

Ele – Eu sei que você não gosta, mas está difícil.

Ela – Você devia me deixar ajudar.

Ele – Claro que não. É perigoso.

Ela – Eu sei, mas.

Ele – Sem mais nem menos. Ok?

Ela – Certo... “Não vamos discutir isso”.

Ele – Certíssimo.

Ela – E como está lá fora?

Ele – Igual. Triste.

Ela – Você não cansa?

Ele – Você cansa?

Ela – Claro! Mas pra mim sempre foi isso. Aqui. Você não tem vontade de saber como estão outros lugares, outros países? Não tem saudade? Você não cansa?

Ele – Primeiro que eu não vou te deixar aqui sozinha! Segundo que não teríamos como ir, não tem por onde sair daqui direito. Acabou tudo. E porque isso agora?

Ela – Ah tédio. Medo. Eu achei que ouvi o vento parar. Morri de medo de ficar sufocada sozinha. Sem nunca ter visto nada lá fora. Sem respirar outro ar que não tenha esse cheiro. Eu nem sei outro cheiro. Fiquei paralisada. Não acendi as luzes e você não chegava. Fiquei parada. Fiquei contando a história da guerra...

Ele – Sim.

Ela – O povo não soube antes. Não é mesmo?

Ele – Não. Não soube. Parecia tudo bem.

Ela – Mesmo triste, eu adoro essa história.

Ele – Essa é A História.

Ela – Por isso mesmo. Eu acho. Porque é a verdade.

Ele – A verdade...

Ela – Sim. Agora não é seguro. Vai ficar tudo bem. Você cuida de mim.

Ele – Eu cuido.

Ela – Eu gostaria de lutar.

Ele – Eu sei.

Ela – Você deixaria?

Ele – Eu teria escolha?

Ela – Hoje você tem. E não me deixa sair.

Ele – Eu cuido de você.

Ela – Sim. Cuida.

Ela – Quero lembrar. Não me deixa esquecer, por favor. Alguém precisa saber. Ficar sabendo... Novas jazidas de minérios foram encontradas do centro-oeste às redes pluviais amazônicas. O valor pago receita líquida dos últimos 58 anos somados. Isso recuperaria o país.

Ele – Isso. E recuperou. Foram bons tempos. Prósperos.

Ela – A propaganda do governo dizia que o Brasil era o país do presente. Grandes empresas viram o real potencial que tínhamos e estavam investindo. A salvação não estava mais no sudeste. Nem na capital. Houve trabalho. Muito trabalho. Novas migrações em massa povoaram cidades que nem existiam nos mapas menos detalhados.

Ele – Quando descobriram era tarde demais... Decorou tudo mesmo.

Ela – Tudo. Sei toda a história da guerra. Tudo explodiu quando o governo confessou as vendas.

Ele – Isso. Ninguém sabia direito. A euforia e o dinheiro cegaram muita gente de bem. E de mal. A *marcha dos brasileiros* foi o começo da revolução.

Ela – As pessoas estavam com medo.

Ele – Estavam com raiva. Não tinha espaço para o medo. Ele veio depois.

Ela – Eu tenho medo. De morrer sufocada aqui. De morrer aqui. Um dia vai melhorar e eu vou sair. Nós vamos. Juntos. De qualquer forma. Morrer lá fora é melhor.

Ele – Não é. E não fala isso.

Ela – Você foi corajoso.

Ele – Não sei.

Ela – Você e milhões de pessoas se juntaram em torno da capital. Planaltina, Padre Bernardo, Águas Lindas...

Ele – Sim.

Ela – Dizem que o primeiro tiro foi em Valparaíso. Leste da capital.

Ele – Eu estava em Formosa.

Ela – Ao sul.

Ele – A primeira morte foi lá. Eu vi. Uma menina não muito mais velha que você. O gás lacrimogênio era tanto. Ela sufocou.

Ela – Eu queria ter estado lá. Cercada de milhões de pessoas, por um mundo melhor.

Ele – Não sei se era sobre o mundo.

Ela – É tão claro pra mim. Mesmo que fosse só pelo Brasil.

Ele – Mas não deu em nada.

Ela – Vocês eram corajosos.

Ele – Não sei.

Ela – Brasília foi a primeira cidade a cair.

Ele – Cair.

Ela – Você disse assim uma vez eu fiquei imaginando como seria ver uma cidade cair.

Ele – Não é bonito.

Ela – Você disse isso também.

Ele – É.

Ela – Pela primeira vez o povo tomou o poder.

Ele – Era tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo.

Ela – A coisa toda perdeu o controle. Era o caos. O país era grande demais.

Ele – Dizem que foi lá em Brasília. Com a gente. O país rachou. Viramos uma anarquia.

Ela – Um país rachou. Cccrrrrccrrrrr!

Ele – Anarquia. Guerra civil. O país perdeu o controle.

Ela – Um país perder o controle...

Ele – Tão triste.

Ela – Eu queria ter lutado.

Ele – Eu sei.

Ela – Não dá mais?

Ele – Não tem mais nada.

Ela – Quase nada.

Ele – É.

Ela – O vento parou.

Ele – O que?

Ela – O vento. Ele parou. Como no meu sonho. Agora. Ouve.

Ele – Nunca aconteceu.

Ela – Vamos morrer?

Ele – Não. Claro que não.

Ela – Precisamos sair.

Ele – Não. Não é seguro. Vai ficar tudo bem.

Ela – Então isso é o silêncio. Que paz. Eu não sabia o quanto o vento me incomodava. Assustava até. Sempre soprando sempre. Como se fosse vivo e falasse comigo. Parou de falar. Morreu. Ou nós morremos. Paramos de ouvir.

Ele – Eu vou ver o que houve.

Ela – Não! Fica.

Ele – Eu preciso ir.

Ela – O vento parou. Até o vento morreu. Menos nós.

Ele – Eu vou ver.

Ela – Espero que volte

Ele – Eu também

Ela – Que volte diferente

Ele – Diferente? Eu não preciso ir. Estamos bem ainda. Vai ver é só um tempo sem ventar mesmo. Ainda temos comida.

Ela – Eu tenho medo

Ele – Eu sei

Ela – A guerra era pior?

Ele - Era diferente

Ela – Fica.

Ele – Fico.

Ela – Obrigada.

Ele - Você sabe tanta coisa.

Ela - Aprendi com você. Sei da história porque você contou pra mim.

Ele - Sabe mais que eu.

Ela – Nunca.

Ele – Você decorou tudo mesmo

Ela – Sim. Até a música do vento. É. Eu sei como é, não tem ordem, mas quando acordo e ouço sei como vai ser. Como ia ser. Acabou. Sabia como ia ser. Ouvia e sabia. Igual lá fora, sempre igual, da mesma cor. Amarelo. Pálido. Mas fora não muda nada. Não consigo ver porque sou baixa, mas tenho a impressão que a qualquer hora que se olhe por essa janela se vê sempre a mesma coisa. Amarelo. Como um. Como que chama? Quadro, certo

Igual

Eu decorei

Tudo

Hoje você está preocupado. Quer dizer, ficou preocupado. Ficou agora. Não sei do vento. Você o conhecia antes. Ele devia ser diferente. Agora é igual.

Dezesseis variações apenas. Algumas duram o dia todo, como anteontem, outras poucas horas. Como hoje. Foram duas variações até agora pouco. Ia começar outra em minutos. Acho que oito. Minutos. Dezesseis variações. Nunca te contei porque era um jogo meu. Igual lá fora. Só você conhece. Então eu comecei a brincar de ter o meu “lá fora” aqui dentro. Dezesseis ventos.

Hoje os seus passos vão demorar oito segundos para desaparecer escada abaixo, está nervoso. Talvez nove ou dez por que não tem vento. Pode ser que mude e eu escute mais. Você está tenso do jeito que um beijo não acalma.

Há duzentos e vinte e seis dias você estava assim. Acordou de um sonho perturbado. Disse que lembrou da guerra. Estava tenso. Eu te beijei. A sua boca estava mais dura que o normal e eu continuei beijando e lambendo pra tentar te acalmar. Pra você relaxar, esquecer o sonho. Lembrar de mim. Aqui. Você relaxa assim. Assim

Seus olhos estavam maiores, diferentes. Me segurou. Duzentos e vinte e seis dias atrás. A língua entrava na minha boca empurrando, você babava em mim. Apertava com força aqui. Treze dias com a marca dos dedos eu fiquei. Não escondi. Você não viu. Eu acho. Eu quis parar, mas você continuou. Eu não falei nada, mas não escondi. Você não viu. Endureci, mas você estava duro também. E quis. Eu não. Mas você queria e eu deixei. Doeu. Fingi que não. Fingi tudo daí em diante. Menos a lágrima. Você não viu. Teria perguntado não é. Teria. Você é doce. Não estava. Estava amargo e bruto. Doeu dentro e fora do corpo. Doeu na cabeça e na barriga. Então dormiu e eu fiquei escutando o vento número onze. Depois nunca mais. Quero fazer. Quero ir a Brasília gritar com o presidente. O presidente que já deve ter morrido no Chile. Quero saber onde é o Chile, que é menor que o Brasil. Quero lutar contra os anarquistas. Quero saquear o palácio do jaburu e atirar na testa do vice-presidente. Quero ver a bomba quero ver o sol sumir atrás da fumaça ver o sol, ter o calor do sol, sentir frio, tremer correr pelo cerrado sendo perseguida pelos rebeldes.

Ele – Você sabe tudo. Você é feliz?

Ela - Eu tenho escolha?

Ele - Tem

Ela - Isso é uma pergunta?

Ele - Pode ser.

Ela - Você é feliz?

Ele - Eu sou.

Ela - Eu tenho você.

Ele - E eu você.

Ela – Aqui.

Ele - Eu saio.

Ela - Para nos ajudar. Temos sorte de ter sobrado alguma coisa lá fora.

Ele – Sim.

Ela - Ninguém sabe o que sobrou depois da guerra.

Ele - Eu sobrevivi.

Ela - Eu também.

Ele - Você era um bebê.

Ela - No seu colo. Sujo de sangue e poeira. Essa cicatriz no braço é dessa época. Você retirou um pedaço de ferro daqui. Era fino, mas eu chorava você disse

Ele - Eu disse.

Ela - Chorava alto.

Ele - Tive pena, mas precisava tirar.

Ela - Você cuida de mim.

Ele - Eu cuido.

Ela - Como eu ia sobreviver?

Ele - Não ia.

Ela – Obrigada. Você pode ir.

Ele - não preciso.

Ela - O vento.

Ele - Ele volta.

Ela - O vento parou! Hoje é um dos dias difíceis. Agora começaria outro vento. Assim ó...

Ele – Desculpa.

Ela – Você não pede desculpas.

Ele - não costumo.

Ela – Então não pede. Não precisa. Você cuida de mim.

Ele - Eu te amo.

Ela - O que é isso?

Ele – O que?

Ela - “Amo”.

Ele – Amor?

Ela - O que é?

Ele – Amor.

Ela – Isso. Você está estranho. O que houve? O que está acontecendo?
Não precisa sair de novo vamos ficar aqui.

Ele - Eu preciso ir.

Ela – Você volta?

Ele – Eu sempre volto.

Ela – Eu sei. Tudo.

Ele – Sabe toda a história.

Ela – Sei. Mas está diferente.

Ele – Desculpa.

Ela - Você vai embora.

Ele – Você sabe tudo.

Ela – Eu sei?

Ele – Não...

Ela - No mundo, o que houve no mundo? O brasil existe? Chile existe?

Ele - Sim os dois

Ela - Que bom

Ela - Você viu a guerra civil?

Ele – Não.

Ela - Foi até Brasília?

Ele - Nunca saí daqui.

Ela - Onde é aqui?

Ele - Rio de Janeiro.

Ela - Sudeste. Antiga capital até Juscelino Kubitschek transferi-la para Brasília o distrito federal cidade inventada construída no cerrado goiano. Isolou o governo do povo. Fingiu proteção. Estavam muito acessíveis no rio de janeiro. Cidade real. Brasília é uma invenção. Você nunca saiu daqui. É tudo ficção. Você e o tiro na cabeça do vice presidente. Cidade inventada. Eu sou Brasília isolada do povo

Ele - Para te proteger

Ela - Eu sou Brasília.

Ele - Do mundo. Você não sabe como é viver lá fora. Antes fosse a guerra civil. Antes não houvesse porra nenhuma. Alguém nesse mundo precisa viver sem se sujar tanto. Pra poder mostrar que o ser humano não é esse erro que está sendo. Eu precisava saber. Precisava de você. Era tão pequena. Nenhuma mácula. Nenhuma mágoa. Nada. E tudo. A vida em estado bruto.

Ela - O vento. Ficção. A janela. Ficção.

Ele - Eu...

Ela - O mundo existe igualzinho antes da guerra. É isso.

Ele - Sim.

Ela - Esse abrigo?

Ele - Um teatro abandonado depois de pegar fogo três vezes.

Ela - Onde?

Ele - Copacabana.

Ela - Existe praia?

Ele - Sim.

Ela - Quero ver.

Ele - Não da.

Ela - Existe sol?

Ele – Sim.

Ela - Quero ver.

Ele - Não dá. Vai ficar cega.

Ela - Quero ficar cega.

Ele – Não dioz uma coisa dessas. Nada pode acontecer com você.

Ela - Estamos extintos? Ficção. Não estávamos. Eu existo.

Ele - Claro que sim.

Ela - Não sinto mais nada.

Ele – Você não pode ficar assim.

Ela – Me deixa sair.

Ele - Você fica.

Ela - Eu vou e eu volto igual você. É só me proteger.

Ele – Não posso.

Ela – Você pode acabar com isso?

Ele – Não quero.

Ela - Eu quero. Por favor. Não importa mais onde eu estou. O que tem lá fora. Onde é aqui dentro. Eu sonhei que morria sufocada. Quero assim. Vem. Eu não posso sair. Não posso ficar.

Ele – Pode. E vai. Desculpa.

Ela – Dói?

Ele – Muito.

Ela - Eu cuido.

Ele - Deixa a dor.

Ela - E agora?

Ele – Eu não sei mais o de volta.

Ela – Eu estou aqui.

Ele - Conta histórias da guerra?

Ela - É ficção.

Ele - Não em mim.

Ela - Quem um dia vai falar sobre mim senão eu mesma? Eu sou Brasília, mas Brasília ainda existe.